

A *BILDUNG* COMO CURA: A TERAPIA BIOGRÁFICA NA ANTROPOSOFIA DO BRASIL

Raquel Littério de Bastos¹
Pedro Paulo Gomes Pereira²

Resumo: O artigo expõe os resultados da etnografia dos trabalhos terapêuticos do espírito realizados no Centro Paulus, em São Paulo, sob organização da Clínica Tobias, oriundos da “ciência espiritual” fundada na Suíça por Rudolf Steiner no início do século XX chamada Antroposofia. A ideia de *Bildung*, com sua origem religiosa e mística alicerçada no Pietismo alemão, é utilizada como mote terapêutico por meio de uma narrativa de vida, um itinerário espiritual. No entanto, a terapia do Biográfico sugere práticas ascéticas, intituladas *processos da alma*. Estas práticas sugerem uma ascese do tipo helenística, em decorrência da influência do pensamento grego nas obras românticas de Goethe. A *Bildung* como cura nesta terapia Antroposófica é expressa na ação de *estar a caminho*, evocando *movimento*, que é uma das características do romantismo.

Palavras-chave: *Bildung*; Antroposofia; Pietismo; Medicina Romântica.

Abstract: This article exposes the results of the ethnography of therapeutic spiritual work conducted at Clínica Tobias in São Paulo coming from the “spiritual science” founded in Switzerland by Rudolf Steiner in the early twentieth century named Anthroposophy. The notion of *Bildung*, with its religious and mystical origins rooted in the German Pietism, is used as a therapeutic motto through a narrative of life, a spiritual journey. However, biographical therapy suggests ascetic practices called *processes of the soul*. These practices suggest an asceticism of the Hellenistic type, due to the influence of Greek thought in the

¹ Cientista social, mestre em Saúde Coletiva pela Faculdade de Medicina da Unesp de Botucatu, doutoranda em Saúde Coletiva na Universidade Federal de São Paulo. Contato: raquelbastos@yahoo.com

² Doutor em Antropologia pela UnB e livre-docente, coordenador da área de Ciências Sociais e Humanas em Saúde e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo. Contato: pedropaulopereira@gmail.com

Romantic works of Goethe. *Bildung* as a cure in this Anthroposophical therapy is expressed in the action of *being on the way*, evoking *movement*, which is one of Romanticism's characteristics.

Keywords: *Bildung*; Anthroposophy; Pietism; Romantic Medicine.

*Toda dor pode ser suportada
se sobre ela puder ser contada uma história.*
(Hannah Arendt)

INTRODUÇÃO

A busca por formas de tratamento alternativo e complementar à medicina alopática constitui um dado crescente nas estatísticas brasileiras. As diferentes leituras desse fenômeno enfatizam uma dinâmica complexa, visto que está relacionada ao universo da religiosidade terapêutica e das novas apropriações/construções acerca do corpo, da produção e do consumo de produtos e de novos estilos de vida. As terapias e a medicina romântica da Antroposofia também apresentam essa complexidade ao sugerir novos estilos de vida e de consumo no Brasil, permeados por uma espiritualidade de origem alemã.

Este artigo³ busca compreender as práticas de saúde oriundas da Antroposofia – filosofia que se autointitula “ciência espiritual”⁴ –, fundada na Suíça por Rudolf Steiner⁵ no começo do século XX. A etnografia foi o caminho

³ Agradecemos ao antropólogo Rodrigo Toniol, que, com suas generosas observações sobre o texto, ajudou a construir este artigo.

⁴ Para os nossos interlocutores, o termo “ciência espiritual” é utilizado para identificar as investigações antroposóficas realizadas a partir de uma empiria espiritual, apoiada na fenomenologia goetheana. Para isso, os antropósofos instituíram, na cidade de Dornach, Suíça, uma universidade formadora de pesquisadores voltados para as mais diversas áreas de conhecimento, aplicando os resultados dessas pesquisas principalmente nos campos da agricultura, medicina, arquitetura e educação.

⁵ O filósofo austríaco Rudolf Steiner foi educado na religião católica, em um cenário cultural centro-europeu da segunda metade do século XIX – no qual elaborou as bases

escolhido para descrever o trabalho terapêutico e as experiências vivenciadas nas terapias do corpo, da alma e do espírito na Antroposofia brasileira em dois dos primeiros Ramos instalados fora da Europa, na América Latina, especificamente no Brasil, no estado de São Paulo.

O estudo destas terapias é a primeira parte de uma etnografia maior, da pesquisa de doutorado desenvolvida por Raquel Littério de Bastos na área de Saúde Coletiva da Unifesp, na cidade de São Paulo, durante os anos de 2012 a 2016, intitulada *Corpo e Saúde na Antroposofia: Bildung como cura*. Esta pesquisa de doutorado foi realizada primeiramente em duas organizações antroposóficas instaladas no Brasil: o Ramo Tobias, na Clínica Tobias (São Paulo), no bairro Santo Amaro, em 2012, e o Ramo Jatobá, no bairro Demétria (Botucatu-SP), em 2013, na comunidade habitada por membros brasileiros, europeus e latino-americanos não brasileiros. Por último, foi estudado o Branch Christian Rose Croix, na cidade de Vevey, Suíça, em 2014.

A organização dos Ramos⁶ da Sociedade Antroposófica começou a ocorrer no Brasil em 1939, primeiramente em São Paulo, cidade que já possuía um histórico de receber, no bairro Santo Amaro, imigrantes alemães desde 1829. Posteriormente, foram organizados outros Ramos no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. No entanto, os Ramos da cidade de São Paulo foram os que mais avançaram, principalmente após a instalação da fábrica de cadeiras ergonômicas Giroflex, em 1939, com a vinda de outras famílias alemãs antroposóficas para trabalhar na fábrica, surgindo a necessidade, dentro

filosóficas da Antroposofia –, sendo profundamente marcado pelos desdobramentos e conflitos do idealismo alemão, dos positivismos francês e inglês e, de certa forma, por um respeito e valorização dos autores do romantismo alemão. Rudolf Steiner desenvolveu os aspectos esotéricos da Antroposofia ao participar da Sociedade Teosófica entre os anos de 1902 a 1912, da qual absorveu o conceito de carma e “ciência espiritual”.

⁶ “Um *Ramo* (do alemão *Zweig*) da Sociedade Antroposófica é a representação oficial do local da Sociedade, onde os membros reúnem-se semanalmente para estudar a obra de Rudolf Steiner, promovendo eventualmente atividades especiais”, como palestras com membros internacionais e nacionais da Antroposofia, cursos e grupos de estudo (SAB, 2016c).

da filosofia, de expandir seus serviços de educação e saúde para atender às demandas dos membros que passaram a morar na cidade. A partir da década de trinta e durante as quatro décadas que se seguiram, as práticas terapêuticas antroposóficas organizaram-se e desenvolveram-se em São Paulo, atingindo seu ápice na década de 1970.

A Clínica Tobias, no Ramo Tobias, representa a primeira iniciativa antroposófica na área da saúde fora da Europa, na América Latina e a única no Estado de São Paulo. Inicialmente, no final na década de sessenta, a Clínica foi um espaço do estilo *Therapeuticum*, com oito leitos para internação hospitalar, onde eram realizados, entre outras práticas de saúde, partos e tratamentos de câncer, além de cursos, como o de Medicina Antroposófica. Em 2012, a clínica era composta por vinte e cinco médicos e terapeutas formados nas mais diversas profissões, convidados a trabalhar e a participar dos atendimentos terapêuticos de forma integrada.

A Estância Demétria, no Ramo Jatobá, foi a primeira fazenda biodinâmica do Brasil, fundada em 1973 pela Associação Tobias, a mesma mantenedora da Clínica Tobias, em conjunto com uma dupla de jovens alemães, Joachim e Peter Schmidt, agricultores com experiência no método biodinâmico. A fazenda foi pensada por seus fundadores como um local capaz de produzir matéria-prima para medicamentos antroposóficos. No entanto, tornou-se um ícone latino-americano da experiência do método biodinâmico fora da Europa, mesmo sem produzir os medicamentos, como era o objetivo inicial. Hoje, a Demétria é um bairro habitado por simpatizantes da Antroposofia, contendo uma comunidade com membros europeus e brasileiros.

Para aproximar o leitor da abrangência desta “ciência espiritual”, chamamos a sua atenção para a atuação da Antroposofia em diversas áreas do conhecimento, estando entre as mais conhecidas: a prática da pedagogia Waldorf⁷,

⁷ De acordo com a Sociedade Antroposófica no Brasil (2016b), “A Pedagogia Waldorf foi introduzida por Rudolf Steiner em 1919, em Stuttgart, Alemanha, inicialmente em uma escola para os filhos dos operários da fábrica de cigarros Waldorf-Astória (daí seu

considerada sua porta de entrada; a Medicina Antroposófica⁸ (MA), implantada como *racionalidade médica* no Sistema Único de Saúde (SUS) em 2011, fazendo uso de terapias e dos medicamentos da Weleda⁹, a principal marca da Antroposofia, mundialmente difundida; e a agricultura biodinâmica¹⁰, distinta da agricultura orgânica, muito valorizada, principalmente na Europa, no mercado de alimentos *bio*.

Especificamente, abordaremos um dos trabalhos terapêuticos direcionados ao espírito¹¹, chamado pelos interlocutores de *Biográfico*. Neste artigo,

nome).” A pedagogia Waldorf é holística e compreende o aluno do ponto de vista físico, anímico e espiritual. Ela é considerada pelos interlocutores uma escola alternativa ao sistema convencional de educação, principalmente porque não atribui notas, evitando comportamentos competitivos.

⁸ De acordo com a Sociedade Antroposófica no Brasil (2016a), “A Medicina Antroposófica é uma ampliação da Medicina Acadêmica [...] e distingue, além da organização puramente física do homem, outras três organizações: a organização vital, a anímica e a espiritual.” (Trecho adaptado).

⁹ A Weleda é a marca com que os medicamentos antroposóficos são comercializados no Mundo. “Os primeiros medicamentos antroposóficos foram desenvolvidos em 1921 por Rudolf Steiner, o fundador da Antroposofia, em conjunto com a médica Ita Wegman. [...] Todos os produtos Weleda têm suas substâncias extraídas da natureza e sua característica fundamental é estimular as forças autocurativas do organismo.” (WELEDA, 2016).

¹⁰ Segundo a Feira Biodinâmica e Orgânica (2016), “[...] a Agricultura Biodinâmica não utiliza adubos químicos, venenos, herbicidas, sementes transgênicas, antibióticos ou hormônios. [...] Trabalha também com o conhecimento do ciclo cósmico, pois, para os agricultores biodinâmicos, o reino vegetal não se emancipou das forças cósmicas, sendo um reflexo do que se passa no Cosmo.”

¹¹ Para utilizar o termo *espírito*, Rudolf Steiner irá contrariar o Concílio de Constantinopla, no qual os teólogos, no ano de 869, estabeleceram o dogma de que o ser humano seria formado apenas de *corpo* e *alma*, e que a alma tinha algumas *características espirituais*, eliminando o *espírito* de sua constituição (SETZER, 2011). Para os meus interlocutores, o espírito não é físico, e é de natureza diferente da alma. Para eles, a *substância* espiritual é mais sutil do que a anímica e, portanto, *superior* a esta, imutável e eterna, tornando um ser humano realmente humano.

primeiro apresentaremos a ideia de *Bildung* utilizada como mote terapêutico; depois, acrescentaremos uma breve explicação da arquetipicidade humana elaborada pela Antroposofia, que fundamenta este trabalho terapêutico, permeada pelas entrevistas com terapeutas e pacientes e pelas observações realizadas no trabalho de campo durante a participação desta terapia.

BILDUNG E TERAPIA BIOGRÁFICA

A elaboração da Antroposofia, realizada pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner, sofreu grande influência do romantismo alemão, em um período chamado de neorromantismo. Por sua vez, as terapias, assim como a Medicina Antroposófica, possuem em suas bases profundos traços da medicina romântica alemã, que era considerada um modelo voltado para o sujeito humano, uma medicina da totalidade que contestava a racionalidade das práticas das medicinas francesa e inglesa da época. Sob esta ótica, as doenças, assim como a saúde, eram causadas por um conjunto de fatores biológicos, psicológicos, morais e espirituais, e os medicamentos e as terapias não eram destinados a tratar um órgão em específico, mas o ser humano em sua totalidade (Gusdorf, 1984, p. 347).

Os antropósofos veem o Biográfico como uma forma de *Bildung*. Para compreender essa afirmação, precisamos saber que a palavra-conceito *Bildung* pode assumir em sua tradução vários significados, em virtude de seu riquíssimo campo semântico, que inclui *Kultur* (cultura), *Bild* (imagem), *Urbild* (arquétipo), *Einbildungskraft* (imaginação) e *Ausbildung* (desenvolvimento). Entretanto, é na utilização do conceito de *Bildung* para falar no grau de formação de um indivíduo, de um povo e de uma língua (Berman, 1983), na formação de uma nação (Suarez, 2005) e na noção de pessoa da cosmologia germânica (Duarte, 2003), alicerçada nas dimensões românticas de totalidade, diferença, fluxo, ênfase na pulsão, ênfase na experiência e compreensão (Duarte, 2004), que a palavra-conceito assume sua maior expressão.

Conforme Louis Dumont (1991), a noção de *Bildung* tem uma origem religiosa e mística. No início, ela era o equivalente alemão da noção de *imitação* ou *imitatio*, tal como aparece no título da obra *Imitatio Christi* (ou *A Imitação de Cristo*), do monge holandês Thomas Kempis. Neste cenário espiritual em que se inscreveu, a *Bildung* está no centro da teoria da imagem de Deus desenvolvida pela mística alemã, e designa o movimento pelo qual o cristão dá uma forma à sua alma, esforçando-se para nela imprimir a imagem de Deus. Não obstante, essa ideia irá modificar-se.

Para Delory-Momberger (2011), será no final do século XVIII, a partir desse cadinho espiritual, que o conceito se desenvolverá e se transformará pela ação de pensadores do Iluminismo alemão (Lessing, Herder, Humboldt, Schiller, Goethe). A palavra-conceito perde a referência a uma divindade pessoal, mas não o alcance de uma realização de cunho universal; o conceito de *Bildung* inscreve-se, então, em um pensamento da totalidade: a *Bildung* é o movimento da formação de si pelo qual o ser próprio e único (*Eigentümlich*) que constitui todo homem manifesta suas disposições e participa, assim, da realização do humano como valor universal.

Para esta *filosofia da humanidade* (*Humanitätsphilosophie*) que se exprime a partir de uma concepção organicista que deve muito às ciências da vida e em particular à botânica, o desenvolvimento humano é concebido como uma semente que cresce e floresce segundo suas próprias forças e disposições (*Ausbildung*), adaptando-se às restrições do seu meio-ambiente (*Anbildung*). Com o enfraquecimento dessa referência cosmológica e organicista, a *Bildung* atravessa uma segunda fase de secularização, tornando-se o que ela é ainda hoje para a cultura alemã: uma prática da formação de si, do cuidado com o desenvolvimento interior, que considera qualquer situação, qualquer acontecimento como ocasião de uma experiência de si e de um retorno reflexivo sobre si mesmo, na perspectiva do aperfeiçoamento e de uma completude do ser pessoal (Delory-Momberger, 2011).

Para Delory-Momberger (2011), é importante perceber que, na esfera católica, o Molinismo espanhol e o Quietismo francês e, no domínio

protestante, o Pietismo alemão e o Metodismo anglo-saxão erguem-se, em contextos particulares, contra a rigidez das Igrejas e a exterioridade do dogma, em um retorno a uma fé mais simples, mais íntima, e em um aprofundamento da relação pessoal com Deus, surgindo uma proliferação de narrativas religiosas do *Eu*¹². Ainda para a autora, entre todos os movimentos que exaltavam o intimismo na prática religiosa, o Pietismo é o que foi mais longe na busca da interioridade e nos processos de exploração e de autocontrole do Eu.

A atitude pietista, de acordo com Gusdorf (1991, p. 225), recomenda aos crentes “[...] questionar-se com a pluma na mão sobre o sentido de sua vida e de sua fidelidade a Deus”, ao escreverem um *diário* ou uma *narrativa de vida* para relatar o próprio itinerário espiritual e fazer um exame rigoroso de sua fé. O questionamento da fé deveria ser um exercício cotidiano que repousaria na dúvida permanente a qual o crente deve submeter sua relação com Deus. Esse questionamento residiria também na desconfiança que ele deve desenvolver ao atentar para as construções ilusórias do espírito humano e as criações enganosas das forças do mal (Delory-Momberger, 2011).

No Pietismo¹³, a luta deveria ser travada com o *inimigo íntimo* de cada ser humano, ou seja, consigo mesmo. Para o pietista, o ser interior é um labirinto que oculta e confunde em suas dobras as luzes e as sombras, o bem e o mal. Assim, a função atribuída à escrita pessoal é desvendar, ou

¹² Edmond Vermeil (1945, p. 112-115), em seu livro *L'Allemagne: essai d'explication*, coloca Goethe como um grande colaborador da modernização do cristianismo. Para o autor, houve um aperfeiçoamento por meio da racionalidade e do Pietismo, em que Goethe teria sido responsável por uma nova religiosidade que acabou por expressar a religiosidade alemã. Rudolf Steiner, por sua vez, ao editar as obras de Goethe em Viena, entrou em contato com o que Vermeil chama de *instinto místico alemão*, impregnando a Antroposofia desse espírito religioso.

¹³ A relação entre Pietismo e Romantismo Alemão está “[...] no modelo de autoimolação no Pietismo pré-reformado ao Puritanismo, e do Pietismo reformado do Romantismo”, em que há uma ênfase na dor e no sacrifício de si como acesso a um valor (Duarte; Leal, 1998, p. 20).

seja, pôr a nu as escórias da intimidade, a fim de retirá-las da imprecisão e permitir que sobre elas recaia o olhar público. Desta forma, a narrativa era necessária para expor os eventos fundadores, as rupturas, as provações que pontuam a experiência da relação com Deus e a busca da fé, uma busca retrospectiva de si mesmo. Mais tarde, esse será o modelo que os pensadores da *Bildung* retomarão sob a forma do *romance de formação* (*Bildungsroman*) (Delory-Momberger, 2011).

Na Teoria Crítica, o conceito de *Bildung* como autoconstrução é a visão que enfatiza o *self* como uma totalidade capaz de desenvolver sua própria subjetividade, sem salvação por qualquer coisa externa a si mesma, de modo independente. Essa subjetividade se emancipa na criação de verdades, necessidades, representações e motivos, assim como a representação de um mundo externo que se torna um objeto de manipulação, reforçando-se alteridade do Outro. “Faz do mundo uma projeção, uma *Bild* do *self* ou dos instintos e, apenas assim, pode sua autoconstrução ser verdadeira a si mesmo”, mas também, em um segundo momento, é “[...] como algo a ser percebido por transcendência a Deus na tradição mística. A elevação do sujeito na direção dessa totalidade é um *telos*, ou uma potência para elevar a nós mesmos” (Gur-Ze’ev, 2006, p. 8, grifos do autor).

Para a Antroposofia, essa potência ou força está presente na transformação holística do indivíduo, que faz da experiência terapêutica uma forma de imanência, pois compreende a *Bildung* como um processo iniciático, que pode criar um senso interno de coerência unido a uma resistência psicológica aos desafios. A *Bildung* também pode ser interpretada como a individuação, como por Jung, ou mesmo a elaboração do mito pessoal, que sensibiliza o indivíduo diante de uma ordem cósmica na qual encontra força e sentido verdadeiro para a sua existência (Moraes, 2007, p. 182). No entanto, é importante compreender que não se trata de aderir a uma verdade, afinal, estamos falando de uma *Bildung* contemporânea, que, para a Teoria Crítica, se emancipa na criação de sua própria experiência de verdade (Hervieu-Leger, 1999), como nos casos da nebulosa mística esotérica de Françoise Champion.

OS SETÊNIOS E A ARQUETIPICIDADE CÍCLICA DA VIDA HUMANA

A terapia biográfica está alicerçada na teoria de arquetipicidade¹⁴ cíclica da vida humana, e é a partir das observações de Steiner que surgiram a elaboração dos setênios (ciclos de sete anos). Alguns antropósofos, como o médico holandês Bernand Lievegoed, detalharam e dedicaram-se mais às possibilidades terapêuticas desse conhecimento há algumas décadas. No Brasil, a médica Gudrum Krokkel Burkhard dedicou-se a esse trabalho e à sua difusão desde os anos 1970 (Moraes, 2007). No entanto, esse trabalho terapêutico somente se desenvolveu efetivamente no Brasil a partir de 1993. Na Europa, a terapia é realizada de forma diferente, apesar de a base dos setênios ser a mesma.

Segundo o terapeuta Ronaldo, interlocutor da pesquisa, a base da terapia são os setênios, e a ideia é que o indivíduo possa olhar para si mesmo. Na Antroposofia, a existência é compreendida primeiro pela sua cosmologia, fundamentada em um evolucionismo planetário da espécie humana, com a formação dos quatro corpos: *físico*, *etérico*, *astral* e o *Eu*, que conteria todos os corpos. Este ciclo de evolução envolve sete planetas que, por analogia, influenciariam o desenrolar dos setênios, através de metamorfoses que levam ao desabrochar de elementos constitutivos do indivíduo. No Biográfico, a Antroposofia utiliza-se de uma noção mitopoética da história de vida, que se torna, assim, uma trilha carregada de sentido e de processos arquetípicos.

Do nascimento aos sete anos seria, então, o período no qual o *corpo físico* estaria se elaborando, sob os cuidados da família. Este setênio tem vínculo

¹⁴ A definição antroposófica de arquétipos utilizada nesta terapia apresentou várias origens, indo desde a definição clássica dos arquétipos organizados por Jung na psicologia, seguindo uma influência romântica, até uma arquetipicidade zodiacal, alicerçada em possíveis narrativas sobre a constituição das características de cada signo, cruzando histórias gregas com histórias de santos cristãos.

com o arquétipo da Lua – que envolve mitopoeticamente os processos de crescimento, elaboração, reprodução, repetição e imitação. Entre os sete e os quatorze anos, os antropósofos acreditam que a criança se encontra vinculada ao arquétipo de Mercúrio, que evoca qualidades como movimento, ritmo, fluxo e comunicação (Moraes, 2007).

Dos quatorze aos vinte e um anos, a criança torna-se um adolescente sob o arquétipo de Vênus. Se no primeiro setênio desenvolveu-se o *corpo físico*, no segundo setênio, o *corpo etérico* emancipou-se; agora, na puberdade, desabrocha o *corpo astral*. A partir dos vinte e um anos e até os vinte e oito, o jovem deve despertar o seu Sol interior, o seu *Eu*. Entre os vinte e oito anos e os trinta e cinco, surge outro membro, resultado do trabalho do *Eu* sobre o *corpo etérico*: a *alma afetiva-intelectual*. Dos trinta e cinco aos quarenta e dois, o *Eu* reelabora, voltando ao início, o que foi produzido no primeiro setênio, do nascimento aos sete anos, ou seja, o *corpo físico*. O arquétipo ainda é o Sol. Dos quarenta e dois aos quarenta e nove anos, o *Eu* está sob o arquétipo de Marte, o guerreiro, o desafiador (Moraes, 2007).

Prosseguindo, teremos, dos quarenta e nove aos cinquenta e seis anos, o indivíduo que está sob o arquétipo de Júpiter. “Júpiter é o mestre maduro. Ele aprendeu algo e pode ensinar. Ele se tornou capaz de visualizar melhor as etapas pelas quais passou” (Moraes, 2007, p. 321). Para finalizar, temos, dos cinquenta e seis aos sessenta e três anos, o indivíduo que está sob o arquétipo de Saturno, o velho. O *Eu* elaborará mais profundamente as forças do já envelhecido *corpo físico*, resultando disso outro membro espiritual, o *homem-espírito* (ou Atma). Após os sessenta e três, outros arquétipos planetários ditos *ultrasaturninos* entram em jogo: Urano, Netuno e Plutão. O indivíduo tem a possibilidade de uma espiritualização, à custa de um correspondente decaimento de suas forças físicas (Moraes, 2007).

A EXPERIÊNCIA DA TERAPIA¹⁵

Ronaldo foi o primeiro médico da Clínica Tobias que aceitou ser interlocutor da pesquisa, sendo o profissional responsável pelo trabalho terapêutico. Este terapeuta, médico antroposófico e ginecologista é oriundo de uma família de classe média de Minas Gerais, que era, em suas palavras, “extremamente católica”, com tios padres e pais ministros da eucaristia (responsáveis pela distribuição das hóstias durante as missas). Todavia, a obrigatoriedade de frequentar as missas todos os domingos era algo que o incomodava. Foi, então, na ioga que o terapeuta encontrou uma entrada para práticas alternativas e o primeiro contato com a ideia de reencarnação¹⁶.

O seu primeiro contato com a Antroposofia foi no primeiro ano de faculdade, quando conheceu um estudante de medicina que frequentava as palestras feitas por alemães na Clínica Tobias, em São Paulo. Após esse contato, o aluno organizou um comboio com mais de quarenta estudantes de medicina daquela universidade, e vieram de trem de Minas a São Paulo, para participar de um evento sobre a medicina ampliada pela Antroposofia. A vinda deste grupo de mineiros estudantes de medicina é vista como um evento impulsionador da Medicina Antroposófica no Brasil. O encontro entre estes médicos é descrito por seus participantes como um encontro cármico, no sentido oriental. O relato desta viagem aparece como elemento fortalecedor de suas convicções. Na entrevista, quando indagado sobre ser

¹⁵ Esta seção refere-se à experiência da autora Raquel Littério de Bastos, que realizou a terapia do Biográfico. Para tornar o texto mais fluido, optou-se por redigi-lo na primeira pessoa do singular.

¹⁶ Apesar de parecer confuso a inserção do terapeuta de uma prática ocidental acontecer por meio de uma prática alternativa oriental, entre os interlocutores, há um pensamento de que as principais ideias dessas filosofias são complementares, apesar de distintas. Rudolf Steiner teria incluído na Antroposofia ideias como o carma, de origem oriental, por ter incorporado as influências recebidas em seu período de atuação na Sociedade Teosófica, entre os anos de 1902 e 1912, sob a organizadora Madame Blavatsky, que teria realizado parte de sua formação esotérica no oriente, trazendo alguns conceitos para o ocidente.

ou não antropósofo, sem hesitar, afirmou que “era antropósofo mesmo antes de saber que era.” Durante o trabalho terapêutico, mostrou-se reservado nos intervalos entre as tarefas e silencioso na maior parte do tempo, apesar da postura firme e conciliadora com as ideias conflitantes que surgiram durante a terapia.

De acordo com os relatos do terapeuta, mesmo quando já estabelecida, esta terapia sofreu transformações, para uma melhor adequação ao público que procura por esse tratamento. Ronaldo descreve em sua entrevista como era antes, no período em que a Clínica Tobias era conhecida como Artemísia (1), e como se dá a relação entre a terapia no Brasil e na Suíça (2):

1. Antigamente, o Biográfico acompanhava os tratamentos, então, primeiro as pessoas passavam por uma avaliação clínica, e depois, enquanto a pessoa fazia o Biográfico, eram prescritas massagens, banhos, alimentação de base vegetariana, mais o apoio de uma medicação antroposófica.
2. O Biográfico no Brasil conseguiu ser completamente independente das regras e diretrizes de Dornach, apesar de manter o respeito. Na medicina, todos os outros países são extremamente dependentes das regras de Dornach; no Brasil, fizemos um caminho à parte deste controle. Com todo respeito, nós aqui no Brasil temos um caminho pessoal, individual do movimento antroposófico mundial.

Na literatura antroposófica, o Biográfico é uma terapia que parte do quarto corpo, o *Eu*, e que envolve um tipo de *Bildung* de autocultivo, centrado na auto-observação do desenvolvimento da existência do indivíduo, de seus passos percorridos: daquilo que viveu, conquistou (os fatores aquisitivos), herdou (fatores atributivos), realizou e daquilo que *não* fez (Moraes, 2007). Para os terapeutas, trata-se de uma análise tanto voltada para o passado quanto para o futuro. No futuro, o paciente faz uma projeção idealizada das próximas etapas, visualizando-se as metas a serem conquistadas. Segundo o nosso interlocutor:

Bildung é uma construção que vem das dificuldades e da compreensão da própria da história. É a busca pela qualidade de vida, caminho de aprendizagem, ninguém nasce pronto. Tem de ter calma interior, isso também faz parte desta construção. Essa calma interior é para aqueles momentos mais sofridos da vida que você tenha calma. O Biográfico não procura explicar a vida da pessoa, mas procura ser um caminho de construção.

A terapia do Panorama Biográfico foi enfaticamente indicada por participantes desta “ciência espiritual”, colocada como sendo necessariamente a primeira a ser realizada, pois era considerada uma experiência iniciática, a mais importante para quem estava buscando uma introdução à Antroposofia. Outra justificativa para realizar esta terapia estava nos setênios, pois, seguindo a orientação de meus interlocutores, na teoria antroposófica, eu estaria no início do sétimo setênio, ou seja, nos quarenta e dois anos, época em que ocorrem as “crises existenciais”. Esse seria, então, o “momento ideal” para buscar uma nova *personalidade espiritual*, pois essa fase, também chamada de *alma imaginativa*, teria por objetivo a busca por uma vida mais autêntica.

Em julho de 2013, decidida a dar início à etnografia das terapias, organizei-me financeiramente para pagar aproximadamente três salários mínimos por cinco dias de terapia, com hospedagem e alimentação orgânica inclusas. Para a realização do trabalho terapêutico, fiquei reclusa, apesar de manter o meu celular, em uma pousada na periferia da zona sul de São Paulo, no bairro rural de Parelheiros. Não tinha *Wi-Fi* nem aparelhos de televisão – esses equipamentos são vistos pelos antropósofos como algo capaz de enfraquecer a vontade das pessoas e incapaz de estimular a criatividade humana.

A casa onde foi realizado o trabalho terapêutico do Biográfico tinha o nome de Centro Paulus, sendo um lugar isolado na cidade de São Paulo, apesar de relativamente próximo à Clínica Tobias, local administrado por antropósofos. Essa pousada conta com a infraestrutura necessária para esse tipo de atividade, com uma ampla sala de reuniões, local para refeições, com mesas comunitárias, espaço para euritmia, ateliê para trabalhos manuais e uma loja que conta com livros e artesanato de origem europeia, incluindo produtos feitos de lã colorida, um presente comum na Europa.

Toda a decoração e estrutura da pousada está dentro de um padrão de arquitetura orgânica antropológica, com grandes janelas que seguem as formas espontâneas dos contornos da natureza, cores escolhidas especificamente para cada ambiente, além de símbolos contendo o desenho dos sete selos planetários da evolução da espécie humana expostos nas principais paredes. Havia, também, uma biblioteca com livros bilíngues sobre a Antroposofia e uma grande variedade de livros de arte, além de obras artísticas e fotos enaltecidas dos principais edificadores dessa “ciência espiritual”, como Rudolf Steiner e Ita Wegman. Ademais, sobre as principais mesas, havia uma infinidade de pôsteres sobre os mais variados cursos de formação e terapias oferecidos no local.

No primeiro dia, após uma refeição, para socializar os participantes, fomos convidados a fazer uma pintura com tema livre no ateliê, com a técnica da aquarela molhada. Nosso terapeuta, fundamentando-se na fenomenologia de Goethe, pediu que os participantes se apresentassem, partindo das observações realizadas sobre a pintura alheia, em duplas por ele previamente escolhidas e estabelecidas. O grupo era reduzido; estávamos, no máximo, em umas vinte pessoas, dezenove mulheres e apenas um homem. Ronaldo, o terapeuta/médico, foi auxiliado por outras duas terapeutas, principalmente na condução do trabalho terapêutico realizado nos pequenos grupos. Ambas haviam realizado a formação para terapeuta biográfico, mas não possuíam formação acadêmica na área da saúde.

Como já foi mencionado, para a interação do grupo, formamos duplas predeterminadas pelo terapeuta, e eu fiz par com o único homem participante da terapia. Na verdade, encontrei pouquíssimos homens fazendo as terapias antropológicas estudadas. Esse meu parceiro de terapia estava muito emocionado. Relatou sua crise existencial, que estava causando transtornos em sua saúde, mas não especificou quais eram estes transtornos. Ele era um advogado bem-sucedido profissionalmente, e estava procurando um novo sentido para a vida profissional. Já havia passado por várias terapias alternativas e realizado os mais diversos cursos alternativos voltados para o autoconhecimento, que, a seu ver, apesar de pertencerem a linhas distintas,

convergiavam para o mesmo objetivo. Ele acreditava que o processo de auto-conhecimento despertado por esta terapia poderia ajudá-lo a tomar um novo direcionamento em sua vida pessoal e profissional, e, por fim, chegar à cura de sua doença. Com o passar dos dias, estabeleceu-se uma amizade entre nós, e ele passou a comentar o seu sofrimento moral ao exercer sua profissão, e o quanto isso estava afetando sua saúde mental e física.

No momento da apresentação geral dos participantes da terapia, apareceram, no discurso de todos os participantes, como um traço de suas personalidades, os signos do horóscopo, ora afirmando algumas características pessoais, ora justificando outras características consideradas desagradáveis, como egoísmo, teimosia, apego e indolência. Entre os participantes de todas as terapias que pesquisei, todos usam uma linguagem Nova Era, usando termos como energia, conexão e fluidez para relatar experiências de suas vidas. Todos, sem exceção, possuíam um amplo itinerário terapêutico preenchido por terapias alternativas de cunho Nova Era. A Antroposofia, no entanto, não se reconhece dentro do fluxo da Nova Era, e utiliza o zodíaco, por exemplo, de forma distinta, estabelecendo uma relação entre os arquétipos de cada signo, para desvendar a missão de cada indivíduo de acordo com sua cosmologia.

Entre os participantes desta terapia, 60% haviam entrado em contato com a Antroposofia por meio da Medicina Antroposófica (MA), 30% por meio da pedagogia Waldorf e 10% pelo Instituto EcoSocial¹⁷. Alguns estavam fazendo a terapia pela segunda vez, mas para a maioria, era a primeira vez. Os participantes eram todos da classe média, e, durante os dias que se seguiram, relataram várias viagens internacionais. Uma minoria desejava fazer o curso completo de formação de terapeuta biográfico, e estava iniciando seu percurso naquele módulo. O processo de formação como terapeuta biográfico

¹⁷ O Instituto EcoSocial é uma organização que tem por objetivo “[...] promover o desenvolvimento de indivíduos, grupos, organizações e sociedade por meio dos conceitos e práticas da Ecologia Social baseada na Antroposofia” (INSTITUTO ECOSOCIAL; INSTITUTO CURICACA, 2009).

apresenta duplo significado para os que aderem ao curso: primeiro, a oportunidade de realizar um aprofundamento nas próprias questões biográficas, à luz da Antroposofia; depois, uma ampliação de suas áreas de trabalho, agregando novas especialidades às suas primeiras atividades profissionais, que não necessariamente estavam ligadas a um trabalho terapêutico, ao menos inicialmente.

As queixas de ansiedade, desequilíbrio emocional e crises existenciais foram semelhantes entre todos os participantes da terapia, como já afirmei, na maioria mulheres. As queixas pareciam padronizadas, construídas culturalmente, elaboradas para expressar o desejo de uma busca legítima para o grupo. Assim, essa busca por equilíbrio foi mencionada repetidas vezes, lembrando um mantra entoado por todos, utilizando sempre as mesmas expressões: “Busca de equilíbrio, busca de reconexão com a natureza, busca de autoconhecimento, busca de sentido na vida.” Esses sentimentos e essas expressões independiam das diferenças de idade, origem social, religiosidade e profissão dessas pessoas.

No decorrer dos dias, estabeleceu-se um ritmo para a rotina, com horários estreitos entre as sete horas da manhã e as oito horas da noite. O cumprimento do horário foi estabelecido como uma regra importante a ser seguida pelos pacientes. Todos os dias, havia uma pessoa do próprio grupo responsável por tocar um sino, para marcar a divisão entre as tarefas. Por aversão a horários, não assumi a responsabilidade nenhuma das vezes. No final do dia, havia um ritual de troca da função, e o guardião do horário transferia o sino e o poder para outro participante que desejasse a tarefa. Junto com o sino era sempre oferecido um agrado, uma pequena lembrança da tarefa executada.

Na parte da manhã, fazíamos sempre os mesmos rituais: pelo período de uma hora, exercícios de eurytmia; depois, práticas artísticas com aquarela; e, no final da manhã, vinham as práticas meditativas, voltadas para a concentração, antes de iniciarmos a parte teórica. Nesta prática meditativa, éramos orientados a contar de trás para frente por três vezes, do número vinte ao um. Essa prática de inversão aparece em mais de uma terapia antroposófica. Ainda pela manhã, assistíamos às aulas sobre as leis biográficas

fundamentadas em arquétipos universais. A palavra-conceito *Bildung* não apareceu em nenhuma das explicações teóricas.

Na primeira aula, o terapeuta demonstrou como a Antroposofia considera a consciência algo primordial para o autodesenvolvimento, e que essa consciência se constrói em cima de processos de desgaste físico, ou seja, quando a vitalidade física declina, a humanização do indivíduo cresce. O desenvolvimento da alma estaria ligado ao desenvolvimento da autoconsciência, desde que o indivíduo se reconheça no Outro, ajudando o próximo.

Havia muito pouco espaço para o ócio – estávamos sempre ocupados, primeiro com a eurytmia e as palestras, e depois, com as tarefas em grupo e também individuais, registrando os principais acontecimentos do passado de acordo com a orientação fornecida. Nessas tarefas individuais, éramos levados a construir uma narrativa sobre os principais acontecimentos ocorridos em nossas vidas. Esses relatos eram apresentados posteriormente, nas tarefas realizadas nos pequenos grupos. No entanto, os relatos não se restringiam apenas ao passado: abordavam, também, o presente e as possibilidades de ação no futuro.

Porém, as mais interessantes práticas foram aquelas que fomos orientados a desenvolver durante os dias, com o objetivo de aderirmos a elas para a vida toda, mesmo após o trabalho terapêutico, fundamentadas nos oito *processos da alma*. Nós éramos orientados a desenvolver ao menos duas dessas práticas por dia, enquanto as práticas noturnas continuavam a ser realizadas diariamente. Uma dessas práticas consistia em, durante o dia, produzir apenas pensamentos relevantes, ou *representações mentais*, para distinguir o pensamento *essencial* do pensamento *acessório*, o que, para o terapeuta, consistia em distinguir a *verdade* da *mera opinião*. Na parte da noite, éramos orientados a realizar um exame de consciência sobre as atitudes que havíamos tomado naquele dia, rememorando os fatos, do último ao primeiro do dia. A prática do autoexame é considerada indispensável para uma vida antroposófica.

Os participantes foram orientados, também, a evitar o tipo comum de conversa, em que se fala sobre qualquer assunto banal apenas para desenvolver

um diálogo. O processo estava em falar apenas o essencial; a escuta é considerada importante para o aprendizado das teorias antroposóficas. De acordo com o pensamento de Rudolf Steiner (1991, p. 48):

Apenas o que tem sentido e importância deverá sair dos lábios do discípulo. Todo falar por falar o desviará de seu caminho. A maneira costumeira de conversação, em que se conversa misturando ao acaso assuntos variados, deve ser evitada pelo discípulo.

Apesar da persistência do terapeuta em lembrar o grupo desta orientação, por meio de seu exemplo, houve pouquíssima aderência por parte dos participantes do trabalho terapêutico.

Ainda em outros quatro *processos da alma*, eram estimuladas primeiro a prática da “ação correta”, ou seja, o agir com “consciência moral”, para assim ponderar as ações exteriores e melhorar a maneira de se conectar, para o bem de todos e a felicidade permanente do próximo, à essência eterna. Havia, também, “o ponto de vista certo”, que seria organizar a existência para viver de acordo com a natureza e com o espírito, não se deixando absorver pelas futilidades da vida exterior. Devíamos evitar tudo o que poderia trazer inquietação e pressa, e considerar a vida como um meio para o trabalho e para a elevação espiritual.

Os dois últimos processos tratavam da “aspiração de transformar” todos os exercícios em hábitos e de “aprender da vida” o máximo possível com os erros cometidos, para fazer melhor na próxima oportunidade. Esses exercícios são, para os antropósofos, formas de adquirir virtudes, algo elevado, de acordo com os mais altos ideais. Em todas as noites, antes de o grupo se separar, havia um exercício no qual era necessário relatar, de forma oral e escrita, o que tínhamos aprendido naquele dia, como uma forma de fixação das metas e das práticas exercitadas.

Na parte da tarde, aconteciam as reuniões em grupo, como segunda etapa do trabalho terapêutico. O meu grupo era composto por quatro mulheres com idades próximas, além de uma terapeuta intermediadora dos processos. Nestes encontros, expúnhamos as aquarelas pintadas no período

matutino, que retratavam nossos respectivos setênios, para primeiro uma observação silenciosa da pintura, e depois um breve relato, estabelecendo uma relação entre a pintura e aquela determinada fase da vida. Havia, também, nessa etapa da terapia, um tempo para os participantes contribuírem com a percepção da pintura alheia, com possíveis *insights* que deveriam ser expressos de forma artística, ou seja, por meio de poemas, frases ou músicas.

Esses *insights* ou intuições eram compreendidos como oriundos do mundo espiritual. Contudo, parecia que havia muito mais psicanálise no trabalho terapêutico do que *insights* espirituais, e ambos pareciam fracassar, pois não havia, entre os membros deste pequeno grupo, o silêncio desejado pela terapeuta para desenvolver uma fenomenologia das pinturas, inspirada claramente nas teorias de Goethe, seguida dos *insights*, espirituais ou não. Ao contrário do proposto, todas as mulheres palpitavam livremente sobre a vida alheia, como em uma conversa entre comadres.

Neste grupo menor, as narrativas eram intensas e extremamente femininas. Assuntos como aborto, gravidez e a busca pelo companheiro ideal permeavam todas as histórias. As dificuldades nos relacionamentos pessoais eram sempre associadas a uma origem familiar conturbada, descrita por meio de vários episódios traumáticos da infância, que ajudavam a justificar as escolhas consideradas erradas e os inevitáveis fracassos amorosos. Com objetivos futuros diferentes, o que unia as participantes era um sentimento conflituoso sobre as atitudes tomadas no passado, consideradas desequilibradas, além do desejo de uma vida dentro de uma ética que as favorecesse, diminuindo, principalmente, o sofrimento do viver.

As lágrimas entre os participantes eram constantes, principalmente nos pequenos grupos, e funcionavam como uma amálgama entre eles, despertando uma empatia pelo sofrimento alheio. Mesmo investida em uma tentativa de certa neutralidade enquanto pesquisadora e apesar de não compartilhar exatamente das mesmas crises existenciais, não foi possível conter as lágrimas e o envolvimento emocional com os participantes, principalmente em decorrência da intensidade dos relatos biográficos. Educada no catolicismo, confesso que senti um prazer estranho em ouvir as mazelas da vida alheia. Um choro agradável e reconfortante era desejado. A narrativa nos martirizava, aos

relembarmos situações de agonia com desfechos positivos, que enalteciam a nossa caminhada até aquele instante, fornecendo uma estranha sensação de fortalecimento interno para os próximos passos.

Essa atitude é compreensível se pensarmos como Rezende (2012), que afirma haver nesses grupos uma gramática das emoções – sentimentos que devem ser expressos naquele contexto particular, por serem vistos como os mais adequados socialmente. Os sentimentos formam uma linguagem, sendo, segundo Mauss (1979), a sua expressão de caráter coletivo e obrigatório. Chorar seria mais do que manifestar os sentimentos; seria manifestar seu sentimento para si próprio, ao exprimi-lo para os outros e por conta dos outros.

Neste grupo menor, havia uma psicóloga chamada Rachel, filha de uma médica antroposófica, que, aos trinta anos, buscava, nesta terapia, compreender o motivo das suas desastradas escolhas amorosas. Apesar de ter realizado anos de terapia convencional, não havia conseguido concluir as questões de origem familiar, como a separação de seus pais, e se sentia pressionada a resolver esses conflitos internos, porque desejava se casar e engravidar. Então, em suas narrativas, sofria ao descrever as situações de risco às quais havia se submetido nos mais diversos encontros amorosos, que, racionalmente, eram compreendidos como equivocados, mas que apresentavam um padrão de comportamento que sempre voltava a se repetir. Um ano depois, nós nos encontramos virtualmente, e perguntei a ela se ter feito o Biográfico havia mudado algo em sua vida. Ela respondeu, exultante de alegria, que havia conseguido mudar a sua forma de se relacionar, e isso, para ela, era um dos resultados da terapia. Ela estava grávida e pensava em fazer novamente a terapia em uma nova oportunidade, quando estivesse mais velha.

No grupo maior, que abarcava os grupos menores, todos os participantes possuíam uma *doença de estimação*, expressão parafraseada da poetisa Adélia Prado, que é uma autora comumente citada entre os antropósofos. No entanto, as principais queixas relatadas nos grupos de terapia eram de doenças decorrentes de transtornos mentais leves e moderados, tais como o transtorno bipolar, a ansiedade e a depressão, acompanhadas sempre das crises existenciais, ora na vida amorosa, ora na vida profissional e pessoal.

As queixas sobre transtornos físicos não apareceram para ninguém: nem no grupo mais reservado essas dores vieram à tona. Não que elas não existissem – não me parece possível existir um grupo em que não haja alguém com uma dor física, por menor que seja. Havia uma retração; falar sobre mazelas físicas parecia inapropriado para aquela situação e lugar, como se a dor física fosse menor diante de uma busca espiritual entendida como maior.

Apesar de uma certa negação do corpo, durante o período da noite, aconteciam algumas situações inusitadas entre os participantes, que foram nomeadas pelos terapeutas de *eventos catárticos*. Entre os pacientes da terapia, várias pessoas tiveram problemas digestivos agudos, seguidos de vômito e diarreia, além de outros sintomas, tais como tosse prolongadas, seguidas de forte expectoração, e crises respiratórias. Todas as situações foram identificadas como uma resposta do corpo ao trabalho terapêutico, trazidas, em parte, pela alimentação desintoxicante, mas principalmente como resultado positivo das reflexões realizadas durante o dia.

Pessoalmente, não me senti afetada da mesma forma, pois, quando cheguei, já estava um pouco doente. Era inverno, e minha asma não costuma se comportar bem nesta época do ano. Por orientação prévia do terapeuta/médico antroposófico, continuei utilizando somente os medicamentos recomendados, que não garantiram a ausência total da asma, restando um leve chiado no peito, um barulho que inevitavelmente era compartilhado com todos. No entanto, procurei conter ao máximo os ruídos físicos da doença, para contornar a expressão de incômodo dos participantes, que, a meu ver, não estavam lá para pensar sobre as doenças do corpo físico. Naquele grupo, pensar o próprio sofrimento espiritual parecia mais urgente.

Durante o trabalho terapêutico, a explicação antroposófica sobre a doença – de que esta é ocasionada por uma falta de coerência entre o que queremos da vida e o que fazemos dela – alimentou o imaginário e a conduta dos participantes. Assim, o chiado pulmonar, sinal visível de minha doença, instigou algumas pessoas a palpitar sobre os porquês de meus sintomas, atitude bem comum, principalmente com doenças consideradas psicossomáticas, como a asma. Ao investigar minha biografia, essas pessoas se viam como

interlocutoras de minha cura. Desta forma, o chiado era relevado, afinal, se estava lá, era porque buscava algo.

A resolução da doença, para a Antroposofia, está em desenvolver um autoconhecimento. A doença seria responsável por mostrar o que não vai bem, e, para isso, o corpo expressa essa insatisfação através de sinais e sintomas. Quando a doença é incurável no físico, isto significaria que ela pode levar o paciente a mudar sua atitude em relação ao mundo. A cura é *estar a caminho*, principalmente quando o paciente percebe que ele é o mundo do Outro e que sua “missão na vida” é estar a serviço dele, em um amor cristão incondicional.

Em conversas pessoais, o terapeuta Ronaldo dizia que a cura era algo complexo na Antroposofia, que estava intimamente ligada a uma *Bildung*. Na compreensão do interlocutor, a cura deve ser entendida como um processo de “estar no caminho, de estar fazendo alguma coisa no caminho.” Quando questionado sobre a incurabilidade de algumas doenças, respondeu com convicção:

A cura é como um processo de estar no caminho, de estar fazendo alguma coisa no caminho, porque o que é uma doença incurável? Só existe essa percepção de doença incurável se você olha do ponto de vista físico; o organismo não tem cura, mas se essa doença fez que o indivíduo repensasse a vida dele, mudasse de hábitos, mudasse como pessoa e se colocasse em movimento perante sua vida, então, a doença não é incurável; mesmo que a pessoa venha a morrer desta doença, você pode curar a pessoa. [...] Há pessoas com doenças terminais que falam: “ainda bem que eu tive essa doença; agora sou outra pessoa, com uma vida muito mais equilibrada.” A *Bildung* é como um caminho de cura.

A cura em cenários espiritualizados, mais especificamente os ritualizados, produz-se na medida que permite uma mudança na perspectiva subjetiva pela qual a pessoa compreende o contexto de seu sofrimento (Kapferer, 1979). Para Csordas (1983), a cura religiosa pode ser entendida como dinâmica de persuasão, a redirecionar sua atenção a novos aspectos de sua experiência ou a percebê-la segundo nova ótica. O ritual, neste caso terapêutico, possui um papel transformativo já verificado por outros antropólogos, em que a

manipulação de símbolos em um contexto extracotidiano, carregado de emoção, induz seus participantes a “[...] perceberem de forma nova o universo circundante e sua posição particular nesse universo” (Rabelo, 1994, p. 49).

Para concluir o trabalho terapêutico, exibimos todas as pinturas, como em um grande *vernissage*, expondo nossas narrativas pessoais com dignidade estética. Na tentativa de transpor aquela situação final de catarse do passado e do presente, fomos orientados a escrever uma carta endereçada a alguém, contando fatos futuros, que descrevessem possíveis superações ou resoluções de nossas principais questões. Um tipo de tomada de consciência: eis a vida que segue, nitidamente orientada para facilitar uma transformação nos padrões cognitivos, afetivos e comportamentais.

No final do trabalho terapêutico, foi oferecido curso de formação de terapeuta biográfico, em dezesseis módulos distribuídos em cerca de quatro anos, certificado pelo órgão representativo da Seção Geral de Antroposofia da Escola Ciências Espirituais do Goetheanum, em Dornach, na Suíça. Na primeira fase, a formação volta-se para o caminho de autoconhecimento e autodesenvolvimento; a segunda consiste em desenvolver novos órgãos de percepção para o entendimento da biografia; e a última fase é vista como um caminho de expansão da consciência.

TERAPIA E PRÁTICAS ASCÉTICAS

A princípio, em decorrência da origem pietista da Antroposofia, parecia lógico encontrar, caso existisse, uma ascese protestante, no sentido weberiano, nas práticas terapêuticas. Resumidamente, a ascese pietista compreende uma forma de conduta que conforma a vida de modo racional, descrita por Furtado (2013) como sóbria e constante. Todavia, não foram encontrados hábitos da ascese pietista, apesar das semelhanças na concepção de trabalho e tempo enquanto valor espiritual *per se*, reconhecido e legitimado na prática do lucro. Porém, estas semelhanças não apontam para um enriquecimento profissional, nem para a interdição ao gozo e ao desfrute dos bens acumulados.

No entanto, nos *processos da alma*, é possível pensar que mesmo não encontrando traços de uma ascese pietista, esta terapia evoca algumas práticas ascéticas. Nesse sentido, os *processos da alma* podem estar relacionados aos princípios do *cuidado de si* e do *conhecimento de si* que Sócrates difundiu como o aforismo “conhece-te a ti mesmo” (Gros, 2010 apud Delory-Momberger, 2011). Rudolf Steiner, ao fundamentar-se na fenomenologia romântica de Goethe, passa a ser influenciado pelo apreço goethiano pelo pensamento grego. Essa influência do pensamento helenístico aparece na terapia como as práticas que devem ser levadas ao longo de toda a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das origens religiosas da Antroposofia, não encontramos, nesta primeira etapa da etnografia, nenhum traço explícito da ascese pietista entre os membros desta “ciência espiritual”. No entanto, isso não significa a sua total exclusão, pois, se pensarmos as narrativas dos participantes da terapia como práticas confessionais, voltadas para o autoaperfeiçoamento, com traços característicos do Pietismo, é provável que haja uma relação mais profunda entre o Biográfico e esta ascese.

Por hora, só podemos afirmar que, ao analisar principalmente os *processos da alma* neste trabalho terapêutico, foi possível concluir que esta etapa da terapia faz apologia a práticas ascéticas que se assemelham às práticas ascéticas helenísticas relacionadas ao *cuidado de si*. Esta constatação pode, posteriormente, indicar que a cura na Antroposofia atua com um tipo de ascese.

As questões esotéricas da Antroposofia não aparecem nos discursos dos terapeutas, apesar de um forte direcionamento da moral cristã na elaboração dos setênios que alicerçam o trabalho terapêutico. A palavra-conceito *Bildung* também não surgiu em nenhum dos conteúdos teóricos ou práticos da terapia, mas assumiu grande relevância nas falas do terapeuta ao relatar sua formação como uma *Bildung* dentro da Antroposofia e ao descrever a

cura como uma *Bildung* na ação de *estar a caminho*, que nos remete à ideia de *movimento*, característica da medicina romântica.

Entre as terapias, esta é a que mais lança mão de outras, como a terapia artística (terapia da alma) e a euritmia curativa (terapia do corpo), fazendo uso da sensibilização corpórea para uma formação estética, oriunda também do romantismo, voltada para a *Bildung* em todas as suas dimensões. Neste cenário quase religioso, talvez possamos considerar que as narrativas do *Eu* funcionam como um tipo de explanação ou reorganização da *Bildung* dos participantes desta terapia, conduzindo-os a uma transformação na percepção de suas vidas e potencialidades, permitindo a resolução de seus principais sofrimentos.

REFERÊNCIAS

- BERMAN, A. *Bildung et Bildungsroman. Le temps de la réflexion*, Paris, v. 4, p. 141-160, 1983.
- CSORDAS, T. The rhetoric transformation in ritual healing. *Culture, Medicine and Psychiatry*, Dordrecht, v. 7, n. 4, p. 333-375, Dec. 1983.
- DELORY-MOMBERGER, C. Narrativa de vida: origens religiosas, históricas e antropológicas. Tradução Maria da Conceição Passeggi. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 40, n. 26, p. 31-47, jan/jun. 2011.
- DUMONT, L. *Homo aequalis, II: L'idéologie allemande France-Allemagne et retour*. Paris: Gallimard, 1991.
- DUARTE, L. F. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 173-183, 2003.
- _____. A pulsão romântica e as ciências humanas no ocidente. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 5-19, jun. 2004.
- DUARTE, L. F.; LEAL, O. F. (Org.). *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

FEIRA BIODINÂMICA E ORGÂNICA. *Agricultura biodinâmica* – o que é agricultura biodinâmica, e em que difere da agricultura orgânica? São Paulo: Feira Biodinâmica e Orgânica, 2016. Disponível em: <<http://www.feirabiodinamica.com.br/agricultura-biodinamica>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

FURTADO, R. N. Ascese e racionalização: Weber, Foucault e o problema do controle da conduta. *Prometeus*, ano 6, n. 11, p. 187-205, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/viewFile/827/740>>. Acesso em: 22 dez. 2013.

GUSDORF, G. *L'homme romantique*. Paris: Les Éditions Payot, 1984.

_____. *Lignes de vie*. v. 1 e v. 2. Paris: Odile Jacob, 1991.

GUR-ZE'EV, I. A Bildung e a teoria crítica na era da educação pós-moderna. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 12, n. 22, p. 5-22, jan./jun. 2006.

HERVIEU-LÉGER, D. *La religion en mouvement: le pèlerin et le converti*. Paris: Flammarion, 1999.

INSTITUTO ECOSOCIAL; INSTITUTO CURICACA. *Curso de Formação de Líderes Facilitadores* – Programa Germinar do Instituto EcoSocial. Porto Alegre: Instituto EcoSocial; Instituto Curicaca, 2009.

KAPFERER, B. Entertaining Demons: Comedy, Interaction and Meaning in a Sinhalese Healing Ritual. *Social Analysis*, New York; Oxford, n. 1, p. 108-152, Feb. 1979.

MAUSS, M. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: _____. *Marcel Mauss: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1979. p. 147-153. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 11).

MORAES, W. A. As práticas de cura antropológicas. In: _____. *Medicina Antropológica: um paradigma para o século XXI*. São Paulo: ABMA, 2007. p. 185-329.

RABELO, M. C. Religião, ritual e cura. In: ALVES, P. C.; MINAYO, M. C. S. (Org.). *Saúde e Doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

REZENDE, C. B. Emoção e moralidade em grupo de gestantes. *Revista Brasileira de Sociologia da Educação*, João Pessoa, v. 11, n. 33, p. 830-849, dez. 2012.

SETZER, V. W. *O bem e o mal do ponto de vista da Antroposofia*. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/antrop/bem-mal.html>>. Acesso em: 21 nov. 2015.

SOCIEDADE ANTROPOSÓFICA DO BRASIL (SAB). *O que é medicina antroposófica?* São Paulo: Sociedade Antroposófica no Brasil, 2016a. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/portal/medicinaeterapias/213-o-queeamedicinaantroposofica>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

_____. *Pedagogia Waldorf*. São Paulo: Sociedade Antroposófica no Brasil, 2016b. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/27-pedagogia-waldorf>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

_____. *Ramos*. São Paulo: Sociedade Antroposófica no Brasil, 2016c. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/portal/a-sociedade/ramos>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

STEINER, R. *O conhecimento dos mundos superiores – a iniciação*. Tradução Erika Reimann. 3. ed. rev. São Paulo: Editora Antroposófica, 1991.

SUAREZ, R. Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural). *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, p. 191-198, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v46n112/v46n112a05.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2012.

VERMEIL, E. *L'Allemagne essai d'explication*. Paris: Gallimard, 1944.

WELEDA. *Medicamentos Antroposóficos / Weleda*. São Paulo: Weleda, 2016. Disponível em: <<http://www.weleda.com.br/weleda/medicamantropo.asp>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

Recebido em: 05/12/2015

Aprovado em: 23/02/2016